

## Oficinas terapêuticas: um instrumento eficaz na reabilitação psicossocial para internos de um hospital psiquiátrico

Lorena de Farias Pimentel COSTA<sup>1</sup>

Thais de Oliveira ARAUJO<sup>2</sup>

Elisângela Braga de AZEVEDO<sup>3</sup>

Renata Cavalcanti CORDEIRO<sup>4</sup>

Maria de Oliveira FERREIRA FILHA<sup>5</sup>

Recebido em: 29/10/2012 - Aprovado em: 23/12/2012 - Disponibilizado em: 30/12/2012

### RESUMO:

**Introdução:** Após o movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil, novos modelos de cuidado ao portador de sofrimento psíquico foram sendo estabelecidos de maneira a promover uma melhoria na qualidade das relações interpessoais e promoção de reabilitação psicossocial. Neste contexto estão incluídas as oficinas terapêuticas que a alguns anos vem sendo utilizadas como método de tratamento para pessoas em situação de sofrimento psíquico.

**Objetivo:** Descrever a experiência de acadêmicas de Enfermagem na realização de oficinas terapêuticas nas dependências de um Hospital Psiquiátrico **Método:** Trata-se de um relato de experiência de acadêmicas de enfermagem no desenvolvimento de oficinas terapêuticas realizadas com pacientes internos em um hospital psiquiátrico no município de Campina Grande – PB/Brasil. As oficinas aconteciam duas vezes por semana durante os meses de setembro a abril de 2011. **Resultados e Discussão:** As oficinas realizadas foram: construindo com garrafas PET; Amassa Maia e Arte e Culinária, após a identificação da angústia e ociosidade promovidas pela situação de internação a fim de promover estratégias eficazes também na reabilitação psicossocial dos internos. Os pacientes participantes das oficinas se mostraram bastante interessados e realizados após a construção e exposição dos objetivos, contando ainda com a melhoria na autoestima das mulheres e sentimento aflorado de bem estar. **Conclusões:** Percebeu-se que esta estratégia de cuidado possibilitou a melhoria do bem estar dos usuários e ainda uma renovação nas relações interpessoais com os profissionais da instituição e familiares.

**Palavras-chave:** Serviços de Saúde Mental. Sofrimento Psíquico. Oficinas.

## Therapeutic workshops: an effective tool in psychosocial rehabilitation for psychiatric hospital of an internal

### ABSTRACT:

**Introduction:** After the Psychiatric Reform Movement in Brazil, new models of care for patients with psychological distress have been established in order to promote an improvement in the quality of interpersonal relationships and

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Enfermagem pela Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande/PB. Membro do Grupo de estudos e pesquisas em saúde mental comunitária/UFPB. João Pessoa/PB/Brasil. E-mail:lorenaf\_\_@hotmail.com.

<sup>2</sup> Enfermeira. Especialização em UTI pela Especializa curso em saúde, Pós-Graduação e capacitação. Campina Grande/PB/Brasil. E-mail:thais\_enfermagem83@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Enfermeira. Doutoranda em enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da UFPB. Professora do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande/PB. Membro do Grupo de estudos e pesquisas em saúde mental comunitária/UFPB. João Pessoa/PB/Brasil. E-mail:elisaaaz@terra.com.br.

<sup>4</sup> Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação da UFPB. Membro do grupo de estudos e pesquisas em Saúde Mental Comunitária/UFPB. João Pessoa/PB/Brasil. E-mail:renatacc@outlook.com.

<sup>5</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela UFC. Professora Associado II da UFPB. Líder do Grupo de Estudos e pesquisa em Saúde Mental Comunitária. João Pessoa/PB/Brasil. E-mail:marfilha@yahoo.com.br.

promoting psychosocial rehabilitation. In this context includes the therapeutic workshops that some years has been used as a method of treatment for people suffering from psychological distress. **Objective:** To describe the experience of nursing in the academic achievement of therapeutic workshops on the premises of a Psychiatric Hospital. **Method:** This is an experience of nursing students in the development of therapeutic workshops conducted with inpatients in a psychiatric hospital in the city of Campina Grande - PB / Brazil. The workshops took place twice a week during the months from September to April, 2011. **Results and Discussion:** The workshops were built with PET bottles; Knead Maia and Culinary Art and, after identifying the angst and idleness promoted by the hospitalization to promote effective strategies also in psychosocial rehabilitation of inmates. Patients participating in the workshops proved very interested and realized after construction and outline goals, and shall have the improvement in women's self-esteem and sense of well being touched. **Conclusion:** It was felt that this strategy allowed the improvement of care of the welfare of users and even a renewal in interpersonal relationships with professionals in the institution and family.

**Keywords:** Mental Health Services. Psychic distress. Workshops.

## INTRODUÇÃO

A doença mental por longos períodos foi ligada a forças exteriores ao homem como maus espíritos, almas perdidas, deuses e demônios. Era tratada a partir de práticas mágicas e religiosas, não existindo, portanto, a figura do médico. Pessoas despreparadas eram quem prestavam os cuidados aos ditos “loucos”, muitas vezes buscando a salvação de sua própria alma. Durante séculos as pessoas com sofrimento mental foram afastadas da sociedade, encarcerados em condições precárias, sem direito a se manifestar na condução de suas vidas (ROCHA, 2010).

Após longos anos de maus tratos, sofrimento e exclusão social, apenas na década de 1978, ocorreu o início efetivo do movimento social pelos direitos dos usuários dos serviços de saúde mental em nosso país. O Movimento dos Trabalhadores em

Saúde Mental (MTSM) configurou-se como movimento plural formado por trabalhadores integrantes do movimento sanitário, associações de familiares, sindicalistas, membros de associações de profissionais e pessoas com longo histórico de internações psiquiátricas, que passa a protagonizar e construir a partir deste período denúncias sobre a violência dos manicômios, a mercantilização da loucura, a hegemonia de uma rede privada de assistência e a construir coletivamente uma crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com sofrimento psíquico (AMARANTE, 2010).

Para tanto, a atual proposta de atenção psicossocial direciona suas ações para a construção da cidadania, da autoestima e da interação do indivíduo na sociedade. Nesta perspectiva, a reinserção social do sujeito em situação

de sofrimento psíquico perpassa a prática clínica e constitui um processo longo e complexo. Assim, o desenvolvimento das abordagens terapêuticas no trabalho em saúde mental ocorre com proposta de melhorar o enfrentamento do transtorno mental (AMARANTE, 2010).

Tradicionalmente, o processo de reabilitação sempre fora compreendido como a devolução de um estado anterior ou à referência de normalidade para o convívio social e até de atividades profissionais. Atualmente, esse conceito modificou-se e faz alusão a um processo que facilita ao usuário com limitações, uma melhor reestruturação da autonomia e de suas funções sociais na comunidade (PITTA, 1996).

Nesta perspectiva, a reabilitação deve estar presente dia a dia, no cotidiano de profissionais de saúde comprometidos, com olhar voltado para o bem estar do paciente portador de sofrimento psíquico, como também se faz necessário o envolvimento em ações pertencentes ao modelo social ao qual se pertence a ponto de tornar-se agente social multiplicador da proposta de reabilitação psicossocial (JORGE et al., 2006).

Deste modo, dentro da proposta de reabilitação, o Ministério da Saúde define as oficinas terapêuticas como atividades grupais de socialização, expressão e inserção social, visando à integração social dos cidadãos. São, portanto, constituídas com a finalidade de inserir as pessoas em desvantagem no mercado de trabalho econômico por meio do trabalho (BRASIL, 2005).

Assim, as oficinas terapêuticas serão vetores de existencialização, caso os reais objetivos sejam alcançados, promovendo melhores condições de produção e relacionamento que os habituais (RAUTER, 2000).

Deste modo, pode-se questionar sobre o real sentido do desenvolvimento de oficinas terapêuticas na proposta da Reforma Psiquiátrica. Rauter (2000, p. 271) ajuda a nortear uma resposta quando coloca que: “as oficinas, o trabalho e a arte possam funcionar como catalisadores da construção de territórios existenciais (inserir ou reinserir socialmente os ”usuários”, torná-los cidadãos...), ou de “mundos” nos quais os usuários possam reconquistar ou conquistar seu cotidiano”. Está se falando não de adaptação à ordem estabelecida, mas de

fazer com que trabalho e arte se reconectem e se projetem a partir do desejo ou com o plano de produção da vida.

As oficinas produzem efeitos subjetivos e socializantes por operarem sobre uma superfície material concreta, que permite uma circunscrição do gozo fora do corpo do sujeito. E, um paciente ao ser internado perde os seus costumes e hábitos particulares, passando assim, por uma fase que podemos chamar de desculturamento, ou seja, uma modificação brutal em que a organização burocrática da instituição é quem passa a ter o controle de toda a sua necessidade humana. Nesse sentido, as oficinas oferecem um espaço que possibilita a criação individual em meio à coletividade da instituição psiquiátrica (MENDONÇA, 2005).

Nesta conjuntura, objetivou-se relatar a experiência no desenvolvimento de oficinas terapêuticas com usuários internos em um Hospital Psiquiátrico e expor os benefícios que a participação nestas atividades proporcionou aos pacientes.

## **CENÁRIO DA EXPERIÊNCIA**

É necessário que profissionais que lidam com portadores de sofrimento psíquico sejam dotados de sensibilidade e vontade de querer sempre mais, ou seja, adotem posturas dinâmicas e em contínua atualização, possibilitando, assim, que a realização da oficina obtenha resultados relevantes, reais objetivos e conclusões determinantes para que ocorra uma mudança significativa na vida de cada usuário, trazendo-o de volta a produtividade e eficiência do cotidiano.

Dessa maneira, sabe-se que as oficinas com psicóticos agrupam singularidades tão explícitas que só nos resta escutar uma a uma. São muitas ideias, poemas, recitações circulantes em meio aos delírios e alucinações. São pacientes medicados, outros em quadros agudos, dispersos, querelantes, sem limite. Trata-se de fazer conviver diferenças, singularidades absolutas, inibições absurdas e certezas plenas, em um espaço em que o laço social é mais uma meta e não apenas pré- condição de trabalho (Greco, 2004).

Este relato conta a experiência de acadêmicas de enfermagem vinculadas a uma instituição pública e

uma instituição particular de ensino superior de Campina Grande-PB. Os participantes do estudo foram os usuários psiquiátricos que estiveram em tratamento nesta clínica durante o período de vigência do estágio. A realização das oficinas posteriormente descritas surgiu como exigência da supervisão de estágios de um Hospital Psiquiátrico, como forma de cumprir com a proposta da instituição.

O projeto se desenvolveu no município de Campina Grande/PB/Brasil, no Instituto Neuropsiquiátrico de Campina Grande - Clínica Dr. Maia. O instituto foi fundado em 23 de setembro de 1966 pelo médico psiquiatra Raimundo Maia de Oliveira.

Trata-se de uma instituição privada de renome e referência no tratamento de portadores de sofrimento psíquico, além de usuários com transtornos recorrentes ao uso abusivo de substâncias psicoativas. A clínica atende usuários oriundos tanto do município de Campina Grande como dos municípios e estados circunvizinhos.

Semestralmente a Clínica Dr. Maia oferece para acadêmicos dos

cursos de Enfermagem, Serviço Social e Psicologia das distintas instituições de ensino superior da cidade, vagas para estágio extracurricular. Dessa maneira, o estágio do qual emergiu tal relato de experiência ocorreu no período compreendido de abril a setembro de 2011 em que se deveria cumprir carga horária semanal de vinte horas, acompanhadas por uma monitora de enfermagem e as profissionais do serviço.

As oficinas se realizaram no interior da clínica, nas enfermarias feminina e masculina, em que os pacientes internos foram diariamente convidados a participar das oficinas, contando com sua adesão espontânea, visto que, enquanto profissionais, não se deve forçar a participação dos pacientes nas atividades, mas sim, estimulá-los, com o intuito de que a oficina seja um instrumento facilitador para que possam desenvolver domínio sobre seus movimentos que são prejudicados devido algumas medicações psicotrópicas, proporcionando a estes, também, momentos de lazer, descontração e interatividade principalmente para os recém-admitidos que possuem uma maior dificuldade em relacionar-se.

As oficinas realizavam-se duas vezes por semana nas terças e quintas-feiras com duração de uma hora, elaboradas e desenvolvidas pelas estagiárias sob supervisão e coordenação da monitora e demais profissionais do serviço. Os usuários foram selecionados a partir de interesse próprio e posteriormente encaminhados ao local da realização das oficinas. O grupo pretendeu com esta proposta, promover reabilitação social dos usuários, reconhecer seus trabalhos e minimizar os efeitos adversos das medicações psicotrópicas.

Para melhor entendimento, no momento da fase psicótica aguda, são usadas as drogas antipsicóticas, principalmente as de maior poder sedativo, em que a tranquilização se dá quase que instantaneamente. Contudo, essas drogas antipsicóticas têm efeitos adversos, entre os quais está o parkinsonismo medicamentoso.

O parkinsonismo medicamentoso caracteriza-se por tremor, rigidez, diminuição do movimento, alterações posturais e do movimento, distúrbios na marcha, na expressão facial, disfunção da

comunicação e deglutição (GUIMARÃES; ALEGRIA, 2004).

O presente trabalho, portanto, pretende possibilitar conhecimentos que se constituam em subsídios para o desempenho das ações de enfermagem. Apresentado as oficinas terapêuticas como um aditivo na reabilitação psicossocial e redução dos efeitos colaterais causado pelo uso dos medicamentos, a exemplo do parkinsonismo medicamentoso e, deste modo propondo expor as seguintes oficinas: construindo com garrafa pet, arte e culinária e amassa maia.

## **RELATO DA EXPERIÊNCIA**

Já dizia o poeta e escritor francês Victor Hugo que *"aquilo que guia e arrasta o mundo não são as máquinas, mas as ideias"*. A sociedade, segundo Comte-Spoinville (2003) é movida por essas concepções que originam o desenvolvimento, por manifestações de forças e energias que tendem indubitavelmente ao dinamismo, opondo-se neste sentido, ao mecanicismo.

Dessa forma, seria esse dinamismo o objetivo maior quando fala-se em inovação na assistência em

saúde mental, visando sempre à melhoria na prestação de serviço com ênfase na promoção, prevenção e recuperação de agravos. Continuar desenvolvendo os trabalhos da Enfermagem, mesclando-os a propostas inovadoras é essencial para se conseguir uma dinâmica positiva no que diz respeito ao atendimento ao usuário.

Diante do exposto, buscou-se uma forma de proporcionar uma maior interação dos usuários não só uns com os outros, mas com a sociedade e com seus familiares também.

Com o intuito de criação de laços de interatividade, a equipe de estágio de enfermagem apresentou sugestões, que somadas às demais, aperfeiçoam o trabalho desenvolvido. Apresentou-se, então, a oficina **“CONSTRUINDO COM GARRAFAS PET”** a qual utilizou como principal material para construção do artesanato garrafas Pet, que comumente são jogadas nos lixos caseiros, não sendo reutilizadas de nenhuma maneira causando um maior dano ao meio ambiente e um desperdício de materiais recicláveis, além disso, é sabido que alguns psicofármacos podem causar o

parkinsonismo medicamentoso (FERREIRA et al, 2010). Atividades que trabalham a coordenação motora auxiliam de forma positiva o conhecimento intelectual dos usuários, contando ainda com o resgate de emoções, sensibilidades e sentimentos (PEDROZA; et al 2012).

À medida que promove também a diminuição dos tremores nas extremidades, a hipertonia e a rigidez nos músculos levando em consideração o comprometimento motor, a letargia psicomotora e a dificuldade na coordenação motora do usuário associados muitas vezes aos efeitos colaterais promovidos pela medicação (NASCIMENTO; PÍTIA, 2010) Este trabalho proporciona a redução do aspecto de tristeza e possibilita momentos de interação entre os usuários.

No decorrer da oficina com garrafas PET, o público mais interessado foi o feminino e a experiência mais exitosa de construção foi à confecção de bolsas e pulseiras, pois a vaidade faz parte da natureza e do cotidiano da mulher e com a paciente em situação de sofrimento psíquico não é diferente e, elas permanecem muito

vaidosas e a produção de peças do guarda roupa feminino as deixaram extremamente realizadas e felizes, demonstrando satisfação frente ao trabalho desenvolvido.

Pode-se ressaltar ainda, o benefício que a oficina promoveu as pacientes no tocante ao aumento da autoestima. As pacientes se sentiram valorizadas, mais bonitas e reconhecidas pelo seu trabalho, o que de fato proporcionou sensação de bem estar e prestígio pessoal, reforçando a ideia de ser capaz de redirecionar suas carências de maneira a torná-las em competências.

Corroborando com estes achados, Martins et al (2010) afirmaram que o desenvolvimento de oficinas terapêuticas em serviços de saúde mental possibilitam a projeção dos conflitos pessoais por meio de atividades artísticas à medida que o usuário permite-se usufruir de sua capacidade lúdica, imaginativa, contando ainda com o claro benefício voltado ao aumento da autoestima e autoconfiança.

Outra proposta desenvolvida pela equipe de enfermagem foi à oficina “**AMASSA MAIA**” que trouxe a

proposta da construção de objetos a partir da confecção de massa caseira de biscoito. Os usuários colocaram em prática sua imaginação e sua vontade de mudança que, muitas vezes, não é respeitada e valorizada de forma correta, dessa maneira o grupo pretendeu, novamente, auxiliar na redução dos sintomas e efeitos colaterais que os períodos de internação podem trazer, buscando reinseri-los em um meio produtivo e valorizado, aguçando sua capacidade psicomotora, expondo sentimentos e livrando-os do aspecto triste presente em sua maioria.

Os pacientes participaram com muito entusiasmo, produziram a massa e foram feitos imãs para geladeira, com isso, os paciente puderam usar a criatividade e depois de prontos, o artesanato foi entregue as famílias, com intuito de provar a capacidade produtiva que os internos possuem.

As oficinas terapêuticas voltadas para usuários com sofrimento psíquico configuram-se como um importante instrumento direcionado principalmente para ressocialização e reinserção, ao passo que possibilita o desenvolvimento de ações e trabalho em grupo, o agir e pensar coletivamente, de maneira a



cumprir com a proposta psicossocial que mantém enfoque no respeito a diversidade e a individualidade de cada sujeito (AZEVEDO; MIRANDA, 2011).

O grupo também propôs a atividade de “**ARTE E CULINÁRIA**” em que as estagiárias de enfermagem e as usuárias do posto feminino se encontravam quinzenalmente na cozinha da instituição para aprender e desenvolver receitas, como as de bolos e biscoitos.

É importante esclarecer a relevância dos momentos de partilha no ambiente familiar, as relações construídas no momento das refeições neste contexto promovem não só a divisão do alimento, como também a partilha de sentimentos de amor, carinho e companheirismo a fim de incluir todos os membros da família na prática da comunhão e pertença afetiva.

Assim, durante a realização da oficina de culinária, partilharam-se acima de tudo, sentimentos de muita alegria, ao perceber as expressões ditas pelas usuárias ao fazerem referência sobre sua relação familiar e a vontade que elas sentiam de ter novamente domínio de sua vida e de sua cozinha.

Enquanto seres humanos, somos atuantes artistas que na vida a cada dia escrevemos novas páginas, construímos a nossa história e contribuimos para o outro. Na saúde mental a enfermagem é responsável por: higienizar, cuidar da aparência pessoal, e de supervisão: liderar a equipe de enfermagem e integrar a equipe multidisciplinar assumindo assim, características assistenciais.

As atividades em grupo buscam cada vez mais o entendimento dos aspectos psicológicos, emocionais e sociais do usuário em situação de sofrimento psíquico. Portanto, configura-se como uma abordagem que resgata a autoestima, autonomia e possibilita a compreensão de cidadania do sujeito louco (MENDONÇA, 2005).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização de oficinas terapêuticas com usuários em sofrimento psíquico internos em um Hospital Psiquiátrico tem possibilitado e facilitado a reinserção psicossocial destes, por meio da interação grupal, de estímulos das competências pessoais, o que tem se mostrado uma estratégia

eficaz na ativação e reconstrução do bem estar do usuário.

Assim, a prática na realização de oficinas promoveu melhora nos relacionamentos interpessoais dos usuários, tanto com a equipe de profissionais da instituição, quanto com os outros internos e com os familiares, fortalecendo o princípio da integralidade apregoado pelo Sistema Único de Saúde.

Percebeu-se, portanto, que estas foram muito gratificantes para o grupo, sendo demonstrada através dos rostos, o sentimento de trabalho cumprido, de meta alcançada e realizada quando os trabalhos ficavam prontos. Deste modo, as oficinas se tornaram realmente instrumentos de reabilitação e ressignificação dos internos.

Dessa maneira, a eficácia desse estudo foi devidamente apresentada a partir da atuação no campo social construindo a transformação na realidade do tratamento psiquiátrico, ao estabelecer a ideia do cuidado, voltando a envolver os profissionais que, tomam como base para execução de oficina, uma palavra, ou atitude que vem sendo muito questionada e trabalhada desde a graduação, chamada *humanização*, dentro do contexto da Reforma Psiquiátrica.

## REFERÊNCIAS

1. AMARANTE, P. Loucos pela Vida. A Trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. 2º ed. 5º reimpress. Fiocruz, 2010.
2. AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. Oficinas Terapêuticas como Instrumento de Reabilitação Psicossocial: percepção de familiares. **Esc Anna Nery**, v. 15, n. 2, p. 339-345, 2011.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos de Caracas. Brasília, 2005.
4. COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário Filosófico**. Pág. 169. Tradução: Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
5. FERREIRA, F. D.; FERREIRA, F. M. D.; HELENO, R. B; et al. Doença de Parkinson: Aspectos fisiopatológicos e terapêuticos. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 3, n. 2, p. 221-228, 2010.
6. GUIMARÃES, J.; ALEGRIA, P. O Parkinsonismo. **Medicina Interna**. v. 11, n. 2, p. 109-114, 2004.
7. GRECO, M.G. Oficina: uma Questão de Lugar? **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental - Sujeito, Produção e Cidadania**. Contracapa. Rio de Janeiro, 2004.
8. JORGE, M. S. B.; RANDEMARK, N. F. R.; QUEIROZ, M. V. O.; et al. Reabilitação Psicossocial: visão da

equipe de saúde mental. **Rev Bras Enferm**, v. 59, n. 6, p. 734-739, 2006.

9. MARTINS, A. K. L.; OLIVEIRA, J. D.; SILVA, K. V. L. G.; et al. Therapeutic Workshops in the perspective from CAPS' users: a descriptive study. **Rev Enferm UFPE On line**, v. 4, n. 1, p. 70-76, 2010.

10. MENDONÇA, T. C. P. As Oficinas na Saúde Mental: relato de uma experiência na internação. **Psicol. Ciênc. Prof**, v. 25, n. 4, p. 626-635, 2005.

11. NASCIMENTO, C. C.; PÍTIA, A. C. A. Oficina de Trabalho Corporal: um estratégia de reabilitação psicossocial no trabalho em saúde mental. **Cienc Cuid Saude**, v. 9, n. 3, p. 610-617, 2010.

12. PEDROZA, A. P.; OLIVEIRA, F. B.; FORTUNATO, M. L.; et al. Articulação Saúde Mental e Economia Solidária: relato de projeto de inclusão social. **Rev Rene**, v. 13, n. 2, p. 454-462, 2012.

13. PITTA, A. M. F. O que é reabilitação psicossocial no Brasil hoje? In: PITTA, A. M. (organizador) **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, p. 19-30, 1996.

14. RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: Amarante, P. Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz. cap.12, 2000,p. 267,277.

15. ROCHA, R. M. Enfermagem em Saúde Mental. 2ª ed. atualizada e ampliada. Senac, 2010.